

EPIFANIA E PARALISIA EM “EVELINE” E “BARRO” DE JAMES JOYCE

Gabriela Theis Salomão Zague

(UFMT – Graduada)

Mariana Bolfarine

(UFR – Professora Adjunta)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Gabriela Theis Salomão Zague possui graduação em Letras - Língua e Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Mato Grosso (2020). E-mail: gabi-theis@hotmail.com

Mariana Bolfarine é doutora (2015) e mestre (2011) na área de estudos linguísticos e literários em inglês pela Universidade de São Paulo. Possui Bacharelado (2006) e Licenciatura (2008) em Letras - Português/Inglês pela mesma Universidade. Atuou como professora substituta no IFSP, campus São Paulo e completou pós-doutorado junto à Universidade de São Paulo em 2018. Atualmente, é pesquisadora da Cátedra de Estudos Irlandeses WB Yeats - FFLCH/USP e presidente da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses (ABEI). Desde 2017 é professora adjunta do Curso de Letras-Língua e Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). E-mail: marianabolfarine@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir e analisar o uso do recurso literário de epifania em dois contos pertencentes à coletânea *Dublinenses* (1914), “Eveline” e “Barro”, escritos pelo romancista, contista e poeta James Joyce. Busca-se, nesta análise, apontar como Joyce retratou as consequências do período da opressão britânica vivida pelos irlandeses por mais de 700 anos, por meio da epifania, recurso literário empregado em seus contos. Além disso, esta pesquisa traça um panorama do contexto histórico acerca da relação entre Irlanda e Inglaterra e apresenta teorias sobre o conto, tradicional e moderno, apontando características do modernismo nos contos de *Dublinenses*. A metodologia utilizada neste trabalho, consiste em analisar os dois contos por intermédio dos textos teóricos sobre o conto tradicional e moderno, de Edgar Allan Poe (1993[1846]), Ricardo Piglia (2001) e Frank O'Connor (1965) para assim, relacionar as teorias aos textos literários de “Eveline” e “Barro”.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss and analyze the use of epiphany as a literary resource in the short stories “Eveline” and “Clay”, published in the well-known collection called *Dubliners* (1914), written by the novelist, storyteller and poet James Joyce. This analysis indicates the way in which Joyce depicted the consequences of British oppression faced by the Irish nation for more than 700 years, by the use of “epiphany” as a literary resource in his short stories. Furthermore, this research draws an outlook of the historical context concerning the relation between Ireland and England, and examines theories about the traditional and modern short stories, highlighting the features of modernism in Joyce’s work. The methodology employed in this study, consists in analyzing the aforementioned short stories from *Dubliners* by means of theoretical texts that deal with the traditional and the modern short stories, from the perspective of Edgar Allan Poe (1993[1846]), Ricardo Piglia (2001) and Frank O’Connor (1965) to be applied to “Eveline” and “Clay”.

PALAVRAS-CHAVE

epifania; paralisia; conto moderno; Irlanda.

KEY-WORDS

epiphany; paralysis; modern short story; Ireland.

INTRODUÇÃO

O conto origina-se da transmissão oral de histórias, antecedendo a escrita como forma de narrar e, apesar de ter sofrido inúmeras transformações, continua popular até o dia de hoje. Nesse cenário literário, o escritor irlandês James Joyce (1883-1941) possui uma importância imensurável visto que, segundo Neiva Dutra (2015), por meio de sua obra, ilustrou a complexidade do homem e como o cenário de degradação de uma sociedade impacta a vida de seus personagens.

Dentre os seus trabalhos de destaque, encontram-se os romances *Retrato do Artista Quando Jovem* (1916), sobre processo de tornar-se escritor, *Ulisses* (1922), que narra um dia da vida do protagonista Leopold Bloom e *Finnegans Wake* (1939), escrito após um período de bloqueio criativo. Em 1914 Joyce publicou *Dublinenses*, uma coletânea de 15 contos que narram as histórias de cidadãos comuns da cidade de Dublin. Segundo Cristiane Antunes, Rosani Umbach e Sabrina Siqueira (2016), ainda que Joyce estivesse distante de sua terra natal, todos os contos de *Dublinenses* se passam na Irlanda, colaborando para inserir seu país no mapa como um dos importantes cenários da literatura.

Conforme o biógrafo Richard Ellmann (1983), em uma carta enviada a seu irmão Stanislaus, Joyce divide os contos de *Dublinenses* da seguinte maneira: contos de infância (“As irmãs”, “Um encontro” e “Arábia”), contos da adolescência (“A casa de pensão”, “Depois da corrida”, “Eveline”), contos da vida adulta (“Barro”, “Partes complementares”, “Um caso doloroso”) e contos da vida pública (“Dia de hera na sala do comitê”, “Uma mãe” e “Graça”). No ano de 1905, quando essa carta foi escrita, Joyce ainda não havia escrito “Dois galanteadores”, “Uma pequena nuvem” e “Os mortos”, que foram acrescentados posteriormente. Segundo Siqueira (2015), os personagens de *Dublinenses* vivem dramas particulares em uma cidade que ainda está à mercê da opressão britânica.

A primeira tentativa de publicação dessa obra foi em 1905, quando havia apenas 12 contos. No entanto, de acordo com Leide Oliveira (2017), apesar de ser visto como um dos autores modernistas mais influentes da língua inglesa, a trajetória literária de Joyce foi marcada por rejeições. Após muitas objeções, *Dublinenses* foi publicado apenas em 1914, durante o renascimento literário irlandês, período em que os artistas buscavam reconstruir a identidade nacional visto que a Irlanda ainda fazia parte do Reino Unido. Por esse motivo, esses artistas enalteciam em suas obras o folclore e as lendas irlandesas, bem como, o uso do gaélico, a língua nativa da Irlanda que caíra em desuso após a dominação inglesa. Contudo, segundo Flávio Moura (2003), Joyce apresenta em *Dublinenses* um tipo de vida urbana que não era comumente retratada, em que seus cenários eram quartos empoeirados, ruas escuras, com personagens de classe média baixa habitando um mundo de corrupção, solidão e pobreza. Portanto, Joyce não exaltava a gloriosa identidade da

Irlanda, como faziam os artistas do movimento de renascimento literário, mas sim, segundo Oliveira (2017), apresentava uma outra faceta, diferente do ideal.

Dito isso, o objetivo deste estudo é empreender uma análise de dois contos, “Eveline” e “Barro”, que integram *Dublinenses*. Busca-se compreender a maneira pela qual a epifania vivenciada pelas protagonistas desses contos é seguida pela paralisia e pela inação como um reflexo da relação de dominação da Irlanda pela Inglaterra por mais de 700 anos. A investigação está fundamentada em teorias sobre o conto tradicional, segundo Ricardo Piglia e Edgar Allan Poe, e especificamente acerca do conto irlandês, sob o ponto de vista do célebre escritor Frank O’Connor. Além disso, para fins de análise, baseamo-nos em teorias sobre a epifania, recurso literário presente em todos os contos de *Dublinenses*.

1 REFLEXÕES ACERCA DO CONTO

Por meio dos contos que compõem *Dublinenses*, James Joyce expressa as contradições que estavam presentes na sociedade irlandesa no início do século XX, momento em que o desejo pela independência coexistia com opressão inglesa. Iniciaremos, portanto, apresentando uma discussão a respeito da narrativa curta, começando pela “A Filosofia de Composição” (1993[1846]), de Edgar Allan Poe, para definir alguns pontos importantes sobre o gênero. Segundo o autor, a estética na construção desse tipo de narrativa é essencial e é proporcionada pelo equilíbrio entre a extensão e a unidade de efeito. Para explicar sua teoria, Poe usa como exemplo o processo de criação de “O Corvo” que, segundo Maria Pereira (2014), apesar de ser um poema, possibilita que o contista componha um texto em prosa seguindo a mesma estrutura do texto poético pois esses dois gêneros possuem alguns pontos em comum como, por exemplo, a extensão e a unidade de efeito. Com relação à extensão, para Poe, uma narrativa curta deve ser escrita para ser lida em uma sentada para que o leitor consiga sentir o efeito ou impressão pretendida pelo autor.

Em *Formas Breves*, o escritor e teórico Ricardo Piglia também tece algumas considerações a respeito do conto com foco na forma narrativa. Piglia afirma que “um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2001, p. 40). Segundo o autor, a história número 1 é narrada em primeiro plano enquanto a história 2 vai sendo narrada em segredo, provocando um efeito de surpresa no leitor quando a história secreta vem à tona. Portanto, o autor narra uma história anunciando que existe outra a ser revelada.

Além desses pontos apresentados, no conto tradicional a estrutura é muito importante para análise, pois, de acordo com Yujun Liu (2009), ela permite uma apreciação melhor para os leitores quando segue um formato. Segundo Liu, quando se tem um conto bem estruturado, a narrativa desperta o interesse do público. A estrutura pode ser

dividida em aspectos externos, que se manifestam esteticamente e os internos, que são as partes que compõem a história, que se entrelaçam para formar um todo. Tradicionalmente, os elementos internos são: introdução, surgimento do conflito, clímax, queda da ação e resolução, e para Liu, essa estrutura além de satisfazer a nossa necessidade de organização, proporciona simetria e equilíbrio à história. O autor explica ainda que o conto tradicional deriva sua história de um conflito, que provoca uma ação e essa ação resolve o conflito, o que dá sentido à história.

1.1 JAMES JOYCE E O CONTO IRLANDÊS MODERNO

No início do século XX, segundo Carolina Marcello (2017), as novas correntes artísticas passaram a mudar a visão que se tinha da cultura tradicional, considerada ultrapassada. Os artistas começaram a ir em busca de algo novo, movimento que ficou conhecido como modernismo. De acordo com a autora, os artistas e escritores modernistas passaram a descartar regras empregadas em formas artísticas mais conservadoras, rompendo com a tradição e deixando de seguir modelos para inovar e experimentar novas técnicas e conteúdos. No âmbito da literatura, os escritores estavam cansados de ver sempre as mesmas formas e, de acordo com Marcello (2017), passaram a promover a liberdade formal e estética. Além disso, houve outra mudança importante com relação aos temas, na medida em que o modernismo passou a valorizar temas do cotidiano sob a perspectiva do indivíduo, expondo assim, a realidade que viviam.

Diante do movimento modernista, a forma de se escrever contos também passou por mudanças relevantes. Em seu livro *The Lonely Voice* (1965), Frank O'Connor refere-se ao conto moderno como uma arte que representa uma perspectiva a respeito da vida, mas de forma que a história seja específica a uma situação ou período, e não à vida como um todo, como ocorre em um romance, por exemplo. O conto produzido na Irlanda busca representar o que O'Connor (1965) chama de "*submerged population groups*", ou seja, pessoas que estão às margens da sociedade, enquanto o romance, nessa época, abordava temas mais variados. Por conta dessa diferença temática, segundo O'Connor, a Inglaterra metropolitana do século XIX e começo do XX era a terra do romance, enquanto a Irlanda, que no mesmo período ainda era uma colônia, não obteve muito êxito em produzir romancistas. A Inglaterra era um império poderoso, mas também possuía uma parte da população que era marginalizada que não possuía uma voz para se manifestar. Em contrapartida, na Irlanda a maior parte de seus habitantes vivia em situação precária, fazendo com que autores escrevessem sobre essa realidade.

O'Connor explica que a Inglaterra se destacou no romance como gênero literário porque para um jovem inglês apenas a má-sorte poderia atrapalhar o seu brilhante futuro;

por outro lado, para um jovem irlandês não havia muita expectativa a não ser a injustiça e a incompreensão, que fazia deles jovens marginalizados. Nesse ponto de seu livro, O'Connor cita James Joyce ao afirmar que os contos de *Dublinenses* apresentam personagens nessa situação.

Com relação ao modo de narrar, o conto moderno, segundo Ricardo Piglia (2001, p. 41), “trabalha a tensão entre duas histórias sem nunca as resolver”, ou seja, são duas histórias contadas simultaneamente, contudo, sem uma solução ao final do conto. No que se refere à estrutura, segundo A. L. Bader (1945), o escritor moderno busca se desvencilhar da forma tradicional, visto que seu enredo transmitia uma sensação de artificialidade. Com o conto moderno, os escritores buscavam narrar a vida real, que não é formada por incidentes ordenados, o que fez com que eles utilizassem outros recursos para escrever um conto. Desse modo, o conto moderno pode passar a sensação de que é incompleto e que não possui forma.

Os escritores passaram a utilizar o recurso narrativo do discurso indireto livre, que é uma característica do conto moderno, que ocorre quando o narrador passa da 1ª pessoa para a 3ª a qualquer momento do enredo o que “permite entrar e sair da mente da personagem e, com isso, traz uma sensação de verossimilhança para a narrativa” (CASTRO, 2015, p. 11). Trata-se de um recurso usado amplamente na literatura modernista e com ele, segundo Thalita Serra de Castro (2015), Joyce cria um narrador que tenta se encaixar no contexto em que estão inseridos os personagens para aproximar o leitor do universo de seus contos.

O desejo pelo realismo, segundo Bader, fez com que escritores concentrassem suas histórias em um momento determinado de tempo ou de ação, possibilitando assim, que a história pudesse ser mais bem explorada. O escritor moderno também não faz uso de muitas complicações na trama, mas prefere escolher apenas uma e a desenvolver bem. Uma das técnicas contemporâneas preferidas, de acordo com Bader, é a de escrever um conto de maneira indireta, ou seja, o conto dá dicas a respeito das informações, mas não de forma explícita. É como se o leitor conhecesse o personagem por uma janela, tendo acesso a informações limitadas, e preenchesse as lacunas da história usando sua imaginação, como se o escritor disponibilizasse a peça-chave de um mosaico, e seu entorno ficasse a cargo do leitor. No conto moderno, escritor e leitor têm sua responsabilidade, um de calcular as informações a serem reveladas, e o outro, de completar as informações que faltam com o que está disponível e, assim, construir o significado da história.

Ainda segundo Bader (1945), o conto moderno dá ênfase ao sentido do conto e não às sequências das cenas e também faz com que a resolução ocorra por insinuação, isto é, o leitor imagina como o conto terminou. O conto termina sem que se espere, pois o final não é anunciado e ele de repente acaba, diferentemente do conto tradicional.

Por esses motivos, os contos de James Joyce são considerados modernos, pois não apresentam um enredo tradicional e seus temas são sobre a vida comum. Além disso, para Santos e Cholbi (2017), Joyce faz uso de outras técnicas para fazer com que a experiência de leitura seja mais próxima da vida real, tal como a epifania.

A palavra epifania, segundo Elise Ballard (2011), deriva do Grego e significa “aparição” ou “manifestação”, referência às revelações feitas por Deus para nós. De acordo com Ballard (2011), para o cristianismo, epifania significa a revelação do menino Jesus aos três reis magos em Belém, e a sua celebração indica que é tempo de recomeçar. Apesar da palavra epifania se originar de um contexto religioso, segundo Ballard (2011), desde o século XIX, seu sentido foi se expandindo, sendo usada em obras literárias, com o significado relacionado à compreensão da realidade, alguma descoberta, percepção ou revelação que, para Ballard (2011), podem ou não levar à alguma mudança.

De acordo com Nascimento (2016, p.11) “o conto, por seu caráter breve, comporta a epifania justamente por ela ser algo, por assim dizer, fugaz e passageira”. Joyce faz uso das epifanias com o intuito de fazer revelações intensas aos personagens que podem transformar suas vidas, e qualquer acontecimento cotidiano pode desencadeá-la. Portanto, a epifania empregada nos contos modernos de Joyce é:

Um momento em que se descobre o cotidiano para além do véu de sua superficialidade, focando exatamente no instante em que se revela algo transformador, libertador, além da percepção automática, como se a realidade circundante se tornasse inédita e somente apreciada a partir dali (NASCIMENTO, 2016, p. 10).

No entanto, segundo Antunes, Umbach e Siqueira (2015), em *Dublinenses*, os momentos de epifania revelam verdades desagradáveis sobre Dublin e mostram o estado de paralisia geral que, para Joyce, era a essência da Irlanda no seu tempo. O momento epifânico, segundo José Mangueira (2018), revela aos personagens como a vida a sua volta, ou a sua própria, é paralisada e além disso, revela a incapacidade de eles mudarem o rumo de suas vidas. Ou seja, os personagens percebem que existe outras possibilidades, mas mesmo assim, permanecem em seu estado inicial de paralisia. Para retratar esse estado, os contos de James Joyce apresentam histórias de pessoas em diversos estágios da vida, para mostrar que a paralisia é uma situação generalizada.

Além disso, os personagens retratados em *Dublinenses* estão sem rumo, e mesmo após vivenciarem a epifania, são incapazes de tomar uma atitude, fazendo prevalecer “o sentimento de vazio existencial e a falta de perspectiva quanto ao dia seguinte” (ANTUNES; UMBACH; SIQUEIRA; 2015, p. 05).

Em *Dublinenses*, Joyce dá voz a pessoas comuns, buscando se aproximar o máximo possível da realidade. Ademais, segundo Antunes, Umbach e Siqueira (2015), Joyce

apresenta as dores e mágoas de seus personagens, promovendo uma identificação dos leitores a quem ele direcionava os contos. Ainda segundo as autoras, Joyce fazia com que seus personagens fossem verossímeis, retratando a solidão, a melancolia e a frustração que sentiam. Tendo isso em mente, nos próximos capítulos examinaremos os contos “Eveline” e “Barro”.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Apesar de alguns eventos já terem sido mencionados anteriormente, faz-se necessário apresentar um panorama histórico da Irlanda para uma maior compreensão dos contos. De acordo com Antunes, Umbach e Siqueira (2015), a grande crítica que Joyce tece em seus contos, é com relação à paralisia dos irlandeses frente ao prolongado período de exploração da Inglaterra sobre a Irlanda. Para entendermos melhor o que levou a essa insatisfação com a Inglaterra, é necessário voltar ao século XII, quando a Irlanda era dividida em tribos, cujos chefes disputavam o posto de Rei Supremo. Segundo o livro *Ireland – Our Island Story* (2011), a chegada dos ingleses à Irlanda se deu em 1166, mas a região se tornou parte do domínio inglês em 1541. Após Henrique VIII romper com a Igreja Católica e criar a Igreja Anglicana, ele se declarou rei da Irlanda e para evitar que católicos tomassem o poder e governassem contra o seu império, ele ordenou que fossem destruídos mosteiros, igrejas e escolas católicas. Temendo por suas vidas, a maioria se submeteu a Henrique VIII.

A partir desses acontecimentos, conforme McDonnell (2011), começou na Irlanda a política conhecida como *plantation*, em que o rei presenteou as pessoas que o apoiaram com terras tomadas dos rebeldes e essa política foi mantida impiedosamente pelos monarcas seguintes. Todos esses acontecimentos, deixaram a Irlanda por muitos séculos à mercê da Inglaterra. Em sua biografia sobre James Joyce, Richard Ellmann (1982) relata que Joyce culpa os britânicos pelos males que afetavam a Irlanda, pois:

A Irlanda era um ótimo país. Era chamada de Ilha Esmeralda. O governo metropolitano, após de anos estrangulando-a, a deixou de lado. Agora é um campo não cultivado. O governo semeou fome, sífilis, superstição e alcoolismo lá; puritanos, Jesuítas e fanáticos surgiram.¹ (ELLMANN, 1982, p. 217, tradução minha).

Os contos de Joyce começaram a ser escritos em 1904, período em que a Irlanda ainda era regida pela Inglaterra, mas em que já arquitetava independência. De acordo com

¹ Ireland is a great country. It is called the Emerald Isle. The metropolitan government, after centuries of strangling it, has laid it waste. It's now an untilled field. The government sowed hunger, syphilis, superstition, and alcoholism there; puritans, Jesuits, and bigots have sprung up (ELLMANN, 1982, p. 217).

McDonnell (2011), no final do século XIX, um grupo de homens se juntou para requerer à Inglaterra que a Irlanda tivesse seu autogoverno, o que ficou conhecido como *Home Rule*, e possibilitaria que as decisões fossem tomadas em seu próprio país, e não mais pelos ingleses.

McDonnell afirma que o parlamento era contrário, pois a Irlanda fazia parte do império britânico e, se concedessem o autogoverno à Irlanda, a Inglaterra temia que outros países de seu império também almejassem sua liberdade. O autor relata que nesse mesmo período estava se acirrando a rivalidade entre protestantes e católicos. Todos esses fatos apresentados são importantes para a análise dos contos, pois a longa história da dominação britânica está atrelada à formação da sociedade irlandesa e deixou marcas em grande parte da sua população.

2 EVELINE E SUAS AMARRAS

“Eveline” foi escrito em entre os anos 1904 e 1907 e faz parte dos contos da adolescência, de acordo com a classificação do próprio James Joyce. A história se passa em Dublin, no começo do século XX, na casa da protagonista Eveline Hill, que mora com o pai e os irmãos mais novos, e também na estação de *North Wall*.

O conto se inicia com Eveline sentada à beira da janela de seu quarto, olhando para a rua e revivendo momentos de convívio com outras crianças da sua infância, bem como da forma violenta com que seu pai a tratava. Voltando à realidade, percebe o quanto tudo mudou após a morte da mãe e de um dos irmãos. Ela perdera sua mãe e agora estava prestes a se mudar para a Argentina com Frank, um rapaz que ela conheceu e pelo qual se apaixonou. No entanto, quando seu pai descobriu, e proibiu que os dois se falassem, e então passaram a se encontrar em segredo. Eveline estava pensando sobre embarcar para Buenos Aires nessa nova vida com Frank, enquanto tinha em seu colo uma carta para seu pai e seu irmão e começa a lembrar de quando sua mãe ainda era viva.

A partir do momento em que Eveline rememora esses momentos, ela percebe que apesar de limpar, cozinhar e conviver com a ameaça de sofrer abuso por parte do pai, sua vida não era tão ruim quanto pensava. Ao longe, ela escuta o som de um realejo, o mesmo que tocou na noite em que prometeu a sua mãe que cuidaria da casa enquanto pudesse. Esse momento levou Eveline a pensar na vida triste de sua mãe, uma vida de sacrifícios e renúncias o que fez com ela se levantasse, tomada por um sentimento de terror, decidida a fugir, visto que ela tinha direito a felicidade, pois Frank a salvaria. Contudo, quando estava na estação com Frank para irem rumo à Argentina, ela não conseguia se mover; ficou paralisada. Frank já havia ultrapassado a barreira e Eveline se agarrou a grade, separando-se de Frank.

Para dar início à análise, recorreremos à Santos (2017), que afirma que o conto

“Eveline” foi escrito para tecer críticas à revista *The Irish Homestead*, fundada em 1895, que publicava campanhas anti-imigração, a fim de que diminuísse o número de jovens que deixavam a Irlanda, para tentar uma nova vida nas Américas. Essa revista publicava textos para alertar, principalmente, os jovens irlandeses sobre os perigos e a infelicidade que a imigração poderia provocar. Em “Eveline”, segundo Santos (2017), Joyce menciona pessoas que antes moravam na vizinhança de Eveline, mas que foram embora da Irlanda, como pode ser percebido no trecho a seguir: “a família Water tinha voltado para a Inglaterra” (JOYCE, 1914a, p. 43) e em “sempre que mostrava a foto a uma visita, seu pai repetia casualmente a mesma frase: – Agora ele está em Melbourne” (JOYCE, 1914a, p. 44).

A imigração da Irlanda era reflexo da opressão causada pelo governo britânico que regia suas leis, sua religião e os forçavam a viver o modo de vida imposto pelos ingleses, causando uma estagnação econômica e social. Como visto na seção 1.2 acerca do contexto histórico, as terras dos rebeldes eram tomadas e doadas aos apoiadores do rei, deixando os irlandeses sem opção de trabalho e sem perspectiva de uma vida melhor, fazendo com que eles se aventurassem no desconhecido em busca de novas oportunidades.

Essa estagnação pode ser inferida no trecho seguinte em que Eveline descreve o local em que vivia: “Casa! Correu os olhos pela sala, revendo todos os objetos conhecidos que ela espanava uma vez por semana havia tantos anos, e se perguntou de onde viria tanta poeira” (JOYCE, 1914a, p. 43). O acúmulo de poeira indica que algo ficou parado sem que ninguém tocasse por um tempo. Essa situação pode ser transposta para o contexto irlandês na medida em que nos remete a algo que está velho, parado no tempo, inutilizado e que continua sempre acumulando pó, sinalizando a paralisia do espaço e dos habitantes que o ocupam.

Além disso, esse mesmo extrato revela a rotina de Eveline, pois ela menciona que espanava os objetos da casa uma vez por semana e quando ela usa a expressão ‘tantos anos’, ela nos transmite a sensação de eternidade, como se ela nem se lembrasse mais de quando essa rotina começou, parecendo uma ação que sempre esteve presente em sua vida.

Quando Frank, namorado de Eveline, é mencionado no conto, ele é apresentado como uma alegria que chegou à sua vida, trazendo sentimentos que ela não havia experimentado antes, bem como a esperança de viver algo novo. Quando Eveline o conhece, ela tem a impressão de que “tudo parecia ter acontecido há apenas algumas semanas” (JOYCE, 1914a, p. 45), como se fosse o que ela precisava para despertar de sua vida inerte. Em pouco tempo, ela estava experimentando novas sensações e o medo e a incerteza eram algumas delas, porque seu destino era ficar sempre à disposição de seu pai e de seus irmãos mais novos. Contudo, com a chegada Frank significa novas possibilidades. Porém, diante da expectativa de viver algo novo, Eveline começa a se

autossabotar, achando que estava reclamando demais de uma vida que não parecia tão ruim assim:

Trabalhava pesado para manter a casa em ordem e garantir às duas crianças que haviam ficado sob seus cuidados a oportunidade de frequentar a escola devidamente alimentadas. O trabalho era pesado – uma vida difícil – mas agora que estava prestes a deixar tudo para trás não considerava a vida que levava de todo indesejável. (JOYCE, 1914a, p. 45).

De acordo com Santos (2017), a mulher irlandesa no início do século XX não vivia uma situação favorável, pois seu destino era ou o casamento ou o convento. Se escolhesse não se casar e permanecer solteira, devido à promessa feita a sua mãe, ela assumiria as responsabilidades de casa e sua vida seria a mesma até o final. Se optasse por trabalhar, poderia exercer poucas profissões, como atendente no comércio, datilógrafa, governanta, secretária e, em alguns casos, professora. Mesmo trabalhando fora, não poderia deixar suas obrigações domésticas de lado, trabalhando em dobro, pois esse era o papel da mulher na sociedade, cuidar de sua família.

A indecisão de Eveline, segundo Santos (2017), ocorre porque nenhuma das suas alternativas foram idealizadas por ela. Retomando o contexto histórico do conto, o *home rule* ainda não havia sido aprovado e, caso Eveline decidisse fugir com Frank, poderia experimentar viver em um lugar com mais liberdade, longe de um governo que nem mesmo conhecia a realidade de seu povo.

O dia da fuga estava chegando e Eveline ainda pensava sobre qual seria o seu destino. Nesse momento, o narrador retoma a referência ao cômodo empoeirado, passando a impressão de que tudo continuava parado, permanecendo como era antes: “estava chegando a hora, mas ela continuava sentada à janela, com a cabeça encostada na cortina, aspirando o cheiro de cretone empoeirado” (JOYCE, 1914a, p. 46).

Eveline, ainda sentada à janela, escuta ao longe uma melodia:

Conhecia a canção. Estranho que o realejo surgisse ali naquela noite para lembrá-la da promessa que fizera à mãe, da promessa de manter o lar unido enquanto pudesse. Lembrou-se da noite em que a mãe morrera; era como se estivesse novamente no quarto fechado e escuro do outro lado do *hall* e lá fora ouvisse a melancólica canção italiana (JOYCE, 1914a, p. 46).

Quando reconhece a melodia, ela imediatamente se lembra da maneira como a sua mãe viveu a vida: “tocou-a no fundo do seu ser – uma vida de sacrifícios banais culminando em loucura” (JOYCE, 1914a, p. 46). Esse é o momento em que ela percebe o destino que a aguarda na forma de uma vida de renúncias como foi a de sua mãe. A epifania ocorre nesse instante de revelação e, Eveline, fica aterrorizada ao pensar sobre a vida que teria se continuasse ali:

Levantou-se num sobressalto de pavor. Fugir! Precisava fugir! Frank a salvaria.

Daria uma vida a ela, talvez, até amor. E ela queria viver. Por que haveria de ser infeliz? Tinha direito a felicidade. Frank a tomaria nos braços, a envolveria em seus braços. Ele a salvaria (JOYCE, 1914a, p. 46).

No entanto, apesar de vislumbrar como seria sua vida se continuasse na Irlanda, no momento em que se encontrava no porto com Frank, antes da sua partida para Buenos Aires, Eveline não conseguia se mover:

Um sino repicou em seu coração. Deu-se conta de que ele lhe agarrara a mão:

- Vem!

Todos os mares do mundo agitavam-se dentro de seu coração. Ele a estava levando para esses mares: ele a afogaria. Ela se agarrou com ambas as mãos às grades de ferro.

- Vem!

Não! Não! Não! Era impossível. Suas mãos agarravam-se ao ferro em desespero. No meio dos mares ela deu um grito de angústia! (JOYCE, 1914a, p. 47)

Diante da possibilidade de uma nova vida, Eveline não consegue ir além, ficando paralisada e presa as suas raízes e tradições, bem como à promessa que havia feito no leito de morte de sua mãe. Retomando a afirmação de Antunes, Umbach e Siqueira (2015), ao final das histórias, ao optar por permanecer na Irlanda, Eveline se depara com o vazio e a falta de esperança que a acompanhará pelo restante de sua vida. O último parágrafo do conto descreve a reação atônita de Frank diante da inação de Eveline:

Ele correu para o outro lado do cordão de isolamento e chamou-a para que o seguisse. Gritaram para que fosse em frente mas ele continuou a chamá-la. Ela o encarou com o rosto pálido, passivo, como um animal indefeso. Seus olhos não demonstraram qualquer sinal de amor ou adeus ou reconhecimento. (JOYCE, 1914a, p. 47).

Esse excerto aponta para duas características já citadas acerca do conto moderno, presentes na obra de Joyce. Em primeiro lugar, é possível perceber que o final deixa implícito que Eveline não fugiu com Frank, pois o leitor infere essa informação preenchendo as lacunas deixadas pelo autor. Em segundo lugar, o leitor se depara com outra particularidade do conto moderno, pois, enquanto no conto tradicional o leitor sente que a história chegou ao fim, o conto de Joyce, simplesmente termina, sem anunciar que esse momento estava próximo. A ausência de uma resolução reflete no leitor a sensação da paralisia de Eveline diante de uma possibilidade de transformação. A paralisia de Eveline reflete a passividade da sociedade irlandesa frente a várias imposições da Inglaterra, como a negação do *Home Rule*, ou seja, da possibilidade do autogoverno, de uma Irlanda livre das amarras imperiais.

Com relação às características do conto moderno na obra de Joyce, é possível

verificar o uso do discurso indireto livre que, conforme explicado anteriormente, permite que o narrador entre e saia da mente da personagem, como pode ser verificado a seguir: “ela havia concordado em partir, em deixar a própria casa. Teria sido uma decisão sensata? Tentou avaliar cada lado da questão.” (JOYCE, 1914a, p. 44). No início, a narração está em 3ª pessoa e logo faz o questionamento, mas quem faz esse questionamento é Eveline, em 1ª pessoa e na frase seguinte, o narrador volta para a 3ª pessoa.

Além dessas características, Ricardo Piglia (2001) afirma que o conto moderno possui duas histórias que são contadas simultaneamente. Em “Eveline”, a primeira história contada é sobre a protagonista que está decidindo se fugirá ou não com Frank; a segunda história é a do passado, pois os acontecimentos anteriores, como a promessa feita à mãe em seu leito de morte, interfere no presente de Eveline, resultando em sua indecisão acerca de qual atitude tomar; sendo assim, as duas histórias vão sendo contadas juntas. No entanto, em “Eveline”, há também uma terceira história, que é referente a vida que a protagonista teria caso decidisse fugir, que é a história que ela poderia ter vivido e não viveu. Portanto, as histórias do presente, do passado e do futuro, fazem parte da narrativa de “Eveline”.

3 A PROXIMIDADE DO FIM EM “BARRO”

“Barro” foi escrito entre 1904 e 1907 e pertence ao grupo de contos da vida adulta, segundo a classificação de James Joyce. O conto se passa em Dublin, no começo do século XX, primeiro na *Lamplight Laundry* onde a protagonista Maria trabalha, nas ruas de Dublin e, em seguida, na casa de Joe, de quem Maria tinha sido babá anos atrás. Os personagens do conto são Maria, que é a protagonista, Joe Donnelly, senhora Donnelly e o cavalheiro que lhe cede o lugar no trem.

Maria trabalha na cozinha de uma lavanderia anglo-irlandesa que abriga mulheres sem-teto. Na véspera Dia de Todos os Santos, Maria prepara comida e chá para as mulheres e, após finalizar seu serviço, vai às ruas de Dublin em busca de presentes para Joe e sua família, pois ela estava indo passar a véspera do Dia de Todos os Santos com eles e decide levar algo. Maria fora babá de Joe e seu irmão Alphy, e os considera parentes, mas agora adultos, os irmãos se afastaram após uma discussão. Maria entra em uma loja conhecida da cidade e compra uma dúzia de bolinhos e uma fatia de bolo de ameixa; em seguida, pega o trem para ir à casa de Joe. No trem, Maria conhece um cavaleiro que lhe cede o lugar e começa a conversar com ele sobre assuntos cotidianos.

Quando chega à casa de Joe, Maria é bem recepcionada, pois todos ali gostavam dela. Contudo, no momento em que vai entregar os presentes que comprou, percebe que esqueceu a fatia de bolo de ameixa no trem. Havia algumas crianças e elas chamam Maria para participar de um jogo tradicional do Dia de Todos os Santos. No final do conto, Joe

pede que Maria cante uma música e ao ouvi-la cantando, Joe sente-se profundamente tocado pelo seu cantar.

Maria era católica e, na Irlanda, a relação entre católicos e protestantes foi marcada por inúmeros conflitos. Quando a Inglaterra cortou relações com a igreja católica e fundou o anglicanismo, os irlandeses viram-se obrigados a adotar a mesma religião. No entanto, manter o catolicismo era uma forma de protesto contra os ingleses que já haviam tomado seu território, e que continuavam tomando as decisões políticas dentro de seu país. Os irlandeses católicos foram oprimidos, perderam suas terras e acabaram ficando em uma situação de extrema pobreza. Para sobreviverem, eram ajudados pelos protestantes, que não os possibilitavam sair daquela situação, apenas lhes davam esmolas e empregos medíocres para que se estabelecesse uma relação de poder e soberania.

Maria, personagem principal, por nascer em uma família católica, teve sua vida traçada sob ideal de que deveria servir as pessoas e se submeter à vida que lhe oferecessem. Ela estava satisfeita com seu trabalho e com seu salário: “esquemmatizou na mente tudo o que faria e pensou em como era bom ser independente e ter no bolso o próprio dinheiro” (JOYCE, 1914b, p. 96). Entretanto, Maria vivia uma ilusão, pois ela não era independente; pois apesar de receber alimento e moradia como obra de caridade dos protestantes, o dinheiro que ela recebia em troca de seu trabalho era muito pouco, o que não possibilitaria que ela morasse sozinha.

A vida de Maria sempre fora dedicada a outras pessoas. Anos atrás, Maria era babá de Joe e Alphy, para os quais demonstrava muito amor e despendia toda a atenção que eles necessitavam. Joe sempre dizia sobre Maria: “– Mamãe é a mamãe, mas minha mãe de verdade é a Maria” (JOYCE, 1914b, p. 95). Maria vivia a vida das outras pessoas, como se a dela tivesse sido anulada. Ao deixar a casa em que era babá para trabalhar na lavanderia, Maria continua servindo as pessoas, sendo conhecida como a pessoa que reestabelecia a paz: “– Maria, você é mesmo uma apaziguadora” (JOYCE, 1914a, p. 94). Suas atitudes são reflexo de sua condição como católica, que por não ter nenhuma expectativa maior sobre a sua vida, achava que isso era se sentir feliz e, portanto, estava realizada.

Em contrapartida, Maria pertencia a uma sociedade patriarcal e era esperado, ou até mesmo exigido, que ela se casasse e constituísse uma família, pois esse era o papel exercido pelas mulheres na sociedade irlandesa do início do século XX, gerar herdeiros ou, no caso de Maria, cuidar dos outros. Entretanto, em virtude de Maria renunciar sua juventude pelos outros, ela percebe, com o avanço da idade, que isso não era mais possível a ela:

Lizzie Fleming disse que a aliança certamente seria encontrada por

Maria e, embora Fleming já tivesse dito isso em várias outras vésperas de Todos os Santos, maria riu e disse que não queria aliança nenhuma nem homem nenhum; e quando ela ria os olhos verde-acinzentados brilhavam com uma timidez tristonha e a ponta do nariz quase encostava na ponta do queixo. (JOYCE, 1914b, p. 95)

Maria tenta transparecer que não se importa, mas sente que o fato de não ter se casado a tornava uma pessoa sem importância, que em nada poderia contribuir para a sociedade. Até mesmo fazendo o que ela mais gostava, que era agradar as pessoas, ela falhava; felicidade era poder agradar as pessoas, lhes sendo útil. Quando vai à casa de Joe, Maria decide levar para ele e sua esposa uma fatia de bolo de ameixa, mas tinha que ser um pedaço especial, com muitas amêndoas. No entanto, quando chega à casa deles, ao procurar a sacola que trouxe consigo para entregar-lhes a fatia, ela percebeu que não estava lá:

Cada um tinha uma solução para o mistério e Mrs. Donnelly [esposa de Joe] disse que era óbvio que Maria esquecera o bolo no bonde. Maria, lembrando-se de como o cavalheiro de bigode grisalho a deixara aturdida, enrubesceu de vergonha e desgosto e decepção. Ao pensar no fracasso de sua singela surpresa e nos dois *shillings* e quatro centavos jogados fora, por pouco não caiu no choro (JOYCE, 1914b, p.97).

Esse foi um momento doloroso para Maria, pois mesmo com as melhores intenções de agradar as pessoas a sua volta, ela percebe que não foi capaz. Ela sente que, além de ter desperdiçado seu já tão pouco dinheiro, havia decepcionado Joe.

Para amenizar esse episódio, as meninas da vizinhança que estavam na casa de Joe, chamam Maria para participar de um jogo de adivinhação. Elas colocaram três pratos sobre a mesa e em cada um deles um objeto: uma aliança, que significa que a pessoa encontrará seu amor; uma bíblia, que indica que seguir a carreira religiosa; e um pouco de barro, que era um presságio de morte. Maria foi vendada e as meninas pediram que ela colocasse a mão em um dos pratos:

Ergueu e depois abaixou a mão e tocou um dos pires. Sentiu nas pontas dos dedos uma substância mole e úmida e ficou surpresa porque ninguém dizia nada e porque não lhe removiam a venda. Houve uma pausa de alguns segundos; e então um empurra-empurra e uma série de cochichos. (JOYCE, 1914b, p. 99).

Apesar de não estar explícito no texto, podemos inferir que Maria escolhe o prato com barro, que significa a proximidade do fim de seus dias. Maria não esboça nenhuma reação, apenas “entendeu que a brincadeira não tinha dado certo e por isso teria de repeti-la: e na segunda tentativa conseguiu pegar o breviário [bíblia]” (JOYCE, 1914b, p. 99). O fato é que Maria estava conformada com sua situação, mas deixou passar, levando o ocorrido como uma brincadeira de criança apenas.

Ao findar da noite, a esposa de Joe, Sra. Donnelly estava tocando piano e Joe pede que Maria cante uma música. Ela timidamente aceita e canta a canção *I Dreamt that I Dwelt in Marble Halls*/ Sonhei que morava em Palácios de Mármore (Tradução nossa), do compositor irlandês Michael William Balfe. Quando Maria chega a segunda estrofe, ela não canta uma parte da música corretamente, mas repete a primeira estrofe, “mas ninguém se dispôs a mostrar-lhe o engano” (JOYCE, 1914b, p. 99).

No momento que Joe percebe que Maria não cantou a segunda estrofe, ele vive uma epifania que, conforme explicado na seção 1.1, é o momento de percepção ou revelação de algo. Contudo, diferentemente de “Eveline”, Joe não é o protagonista do conto, mas é ele quem passa por esse momento de percepção, porque Maria já tão está imersa em sua condição, que ela não consegue, pelo menos na superfície, se dar conta da sua condição.

Aparentemente, Maria erra ao cantar a música, pois omite a segunda estrofe sobre pretendentes que se ajoelham e fazem promessas à donzela. Talvez ela tenha consciência de que ela não viveu o amor e nem vai viver, restando para ela ou a Bíblia, significando o convento, ou o barro, que significa a morte. No final da segunda estrofe, apesar de ser uma música de amor, Maria direciona as duas últimas linhas para Joe, mostrando estar presa a um passado em que ainda cuidava e se dedicava à Joe e sua família, pois aquilo a fazia sentir importante. Enquanto Joe cresceu, casou-se e teve filhos, Maria permaneceu a mesma, presa no passado.

Por outro lado, “quando ela [Maria] terminou a canção Joe estava bastante emocionado. Afirmou que nada se comparava aos velhos tempos e que música alguma se comparava à do velho Balfe, não importava o que dissessem” (JOYCE, 1914b, p. 100). Ao notar que Maria não cantou a segunda estrofe, Joe nota que Maria envelheceu, que chegou ao fim de todas as suas possibilidades pois, formar uma família para ela, agora, era algo impossível, ela continuaria sozinha, vivendo sua vida insignificante e assim seria até ela morrer.

Joe sente muito por Maria e, dessa forma, podemos perceber no conto “Barro”, que a paralisia não ocorre como no conto analisado anteriormente, e sim durante toda a narrativa dos acontecimentos da vida de Maria. Ela nasceu em família católica, e como consequência, assumiu todo o fardo que isso trazia, mas em momento algum, ela busca

algo diferente. Maria aceita a vida que lhe é oferecida e sente gratidão pelo que tem. A situação estagnada em que Maria se encontra reflete a condição dos irlandeses na primeira metade do século XX, que em vez de lutar pelo autogoverno e por um país livre das amarras imperiais, aceitam passivamente sua condição de opressão.

Com relação às características do conto moderno, neste conto também estão presentes algumas delas. O uso do discurso indireto livre, conforme explicado na seção 1.1, pode ser notado no seguinte excerto:

A bolsa continha duas moedas de meia coroa e alguns níqueis. Sobrariam ainda cinco shillings depois que pagasse a passagem de bonde. Como a noite seria agradável, com a criançada cantando! Só esperava que Joe não chegasse bêbado. Ele ficava tão alterado quando bebia (JOYCE, 1914b, p. 95).

No começo do trecho, o narrador está na 3ª pessoa, mas o falar sobre como seria a noite e sobre esperar que Joe não estivesse bêbado, o narrador é a Maria, pois esse é um desejo pessoal dela, então está na 1ª pessoa. Esse excerto mostra a preocupação que Maria tem com Joe e sua família, ressaltando sua característica de se preocupar mais com os outros do que com si mesma, pois é ela mesmo quem fala.

A última frase do conto, apresenta outra característica com relação à sensação da falta de final que o conto moderno possui, como pode-se observar a seguir: “[...] e seus olhos ficaram tão cheios de lágrimas que ele não foi capaz de encontrar o que procurava e viu-se obrigado a perguntar à esposa onde estava o saca-rolhas” (JOYCE, 1914b, p. 100).

Assim como em “Eveline”, as duas histórias a que Piglia (2001) se refere, podem ser encontradas neste conto e, como a análise do conto anterior indicou, passado, presente e futuro são narrados juntos. A primeira delas é sobre o presente de Maria, em que ela é uma empregada e está indo visitar a família de Joe. Ao mesmo tempo, a história do passado de Maria é contada, em que sabemos que ela fora babá de Joe e que, à época, morava na casa da sua família. A terceira história é sobre a vida não vivida de Maria, em que ela poderia ter se casado e constituído uma família. Em uma perspectiva mais ampla, é possível traçar um paralelo entre a vida não vivida de Maria, em que ela não estaria só, e a vida não vivida da Irlanda, pois se não fosse pela dominação inglesa, tudo poderia ser diferente.

Diferentemente de “Eveline”, este conto precisa de uma contextualização acerca da cultura da Irlanda. Para que o leitor compreenda todas as camadas do conto, é necessário conhecer a simbologia por trás do jogo realizado à véspera do Dia de Todos os Santos e o significado dos elementos que o compõe. Além disso, a música *I Dreamt I Dwelt in Marble Halls*, que Maria canta ao final, faz parte da tradição irlandesa e é necessário o

conhecimento da letra para que seja possível perceber a omissão da parte sobre os pretendentes e inferir que Maria tem consciência da sua solidão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho foram apresentadas informações que fornecem embasamento à análise dos contos “Eveline” e “Barro”, escritos por James Joyce no começo do século XX. Ao se apresentar as características do conto tradicional e do conto moderno, foi possível perceber que Joyce se desvincilhou do padrão de escrita tradicional, trazendo a modernidade para sua obra. Durante a análise, foram apontadas algumas dessas características em cada conto. Uma das grandes marcas do trabalho de Joyce, foi o uso do recurso literário de “epifania”, em que os personagens vivenciam momentos de profunda percepção acerca de suas vidas que os levam a uma situação de paralisia e passividade evitando grandes mudanças ou escolhas. Em um sentido mais amplo, essa era a grande crítica de Joyce ao povo irlandês. Para entender melhor como a Irlanda se tornou uma nação paralisada, foi apresentado um breve panorama histórico que explicou quando e como a Irlanda passou a fazer parte do império britânico e quais foram as consequências para o país.

Para a análise do conto “Eveline”, primeiramente, fizemos uma apresentação do conto com um resumo de seu enredo e também do período em que ele foi escrito. “Eveline” tem como um de seus temas a imigração e o medo de mudanças. A análise explicou como o tema estava relacionado com a realidade da época e o que motivou Eveline a tomar sua decisão. Também foram apresentadas as situações que levaram a protagonista ao seu momento de epifania e como ela ficou paralisada frente a esse momento de revelação. Ao final, foram apontadas as características do conto moderno presentes nessa narrativa.

Ao analisar “Barro”, o procedimento inicial foi o mesmo do conto mencionado acima. Logo após, foram fornecidas informações adicionais sobre a relação entre católicos e protestantes e, a partir de excertos do texto, ficou evidente a maneira pela qual essa relação conflituosa influenciou o comportamento e a vida da protagonista Maria. Esse conto apresentou caminhos diferentes para a epifania e a paralisa. A revelação não aconteceu à Maria e sim a Joe. Ademais, ficou explícito como a paralisia não estava restrita apenas ao estado da personagem, como consequência da epifania, como em “Eveline”, mas foi percebida ao longo de todo o conto.

A epifania nos contos de Joyce revela algo aos personagens, seja um futuro de estagnação, como o que espera Eveline ou em “Barro”, quando Joe se dá conta de como Maria chegou ao fim de todas as suas possibilidades. No entanto, os personagens, por

estarem tão imersos em uma sociedade paralisada, ao se depararem com uma chance de começar uma vida nova, eles preferem permanecer como estão, pois é mais seguro e cômodo não correr riscos. Talvez Eveline, que optou por não imigrar para Buenos Aires e permanecer junto da família, poderia ter se tornado uma Maria, que viveu em função dos outros e não dela mesma. Porventura, Joyce tivesse a intenção de que, ao ler os contos de *Dublinenses*, os irlandeses tivessem suas próprias epifanias e percebessem que outras possibilidades poderiam estar disponíveis a eles e, em um nível mais amplo, eles poderiam ir contra o que lhes era imposto pela Inglaterra e viver de acordo com sua crença e desejo.

Em termos da forma, a análise indicou também características do conto moderno presentes em *Dublinenses*. Nos dois contos estudados, o autor retrata pessoas que tinham uma vida comum, uma era adolescente e cuidava dos irmãos mais novos, enquanto a outra era empregada em uma lavanderia e não tinha uma boa condição financeira. Além disso, Joyce não entrega o final ao leitor, apenas fornece informações suficientes para que o leitor preencha as lacunas por meio de sua interpretação. Por último, seus contos não têm uma resolução, como no conto tradicional. O conto acaba quando o leitor menos espera, sem que o autor dê dicas que o final está se aproximando.

O trabalho traz resultados significativos com relação ao uso da obra literária como forma de se conhecer uma nação, pois a partir do acesso ao panorama histórico da Irlanda, o leitor possui uma maior compreensão dos contos. Da mesma forma, este estudo apresenta Joyce como um autor consagrado, visto que além de tecer críticas à nação irlandesa, ele trata de temas universais que ainda são atuais, o que aproxima o leitor da obra.

REFERÊNCIAS

- _____. "Barro". In: **Dublinenses**. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2012[1914]b.
- ANTUNES, Cristiane; UMBACH, Rosani Ketzer; SIQUEIRA, Sabrina. Autoexílio e memória em *Dublinenses*. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 27, p. 115-124, 2016.
- ATHERTON, James Stephen. **James Joyce: Irish Author**. 2020. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/James-Joyce>> Acesso em: 19 fev. 2020.
- AZEVEDO, Lúcia. James Joyce e suas epifanias. **Cógito**, v. 6, p. 147-149, 2004.
- BADER, A. L. The Structure of the Modern Short Story. **College English**. v. 7, n. 2, p. 86-92, nov. 1945. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/371089?read-now=1&refreqid=excelsior%3Afcea905e15b82bc74a3e2471ef135bae&seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 17 fev. 2020.
- BALLARD, Elise. **How do you, we, I define epiphany, exactly?**. 2011. Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/epiphany/201101/how-do-you-we-i-define-epiphany-exactly>> Acesso em: 21 fev. 2020.
- CASTRO, T. S. de. **James Joyce: voz narrativa e projeto estético em construção**. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- COELHO, Daniella Paez; VIANNA, Vera Lucia Lenz. A estrutura da hesitação: análise do conto "Eveline", de James Joyce, segundo conceitos de Anthony Giddens. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 29, p. 81-96, 2017.
- COSTA, Maria Edileuza da; MANGUEIRA, José Vilian; FERREIRA, Maria Aparecida da Costa Gonçalves. Duas mulheres, dois mundos diferentes, um mesmo destino: análise dos contos "A fuga" de Clarice Lispector e "Eveline" de James Joyce. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 29, p.103-107, 2008.
- CRISTÓFARO, Natália. Valoração e variações semânticas em estágios narrativos de Eveline, de James Joyce: um estudo de reinstanciações. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, n. 3, p. 1259-1294, 2019.
- DUTRA, NEIVA. **As dimensões pós-modernas de James Joyce**. 2015. Disponível em: <<https://deanimaverbum.weebly.com/de-anima-verbum/as-dimensoes-pos-modernas-de-james-joyce>> Acesso em: 19 fev. 2020.
- ELLMANN, Richard. **James Joyce. New and revised edition**. New York: Oxford University Press, 1983.
- FERREIRA, Elaine Conceição. Perspectivas sobre o casamento a partir das personagens Eveline de

James Joyce e Elvira de Clarice Lispector. Babel: **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 2, p. 1-11, 2012.

GONÇALVES, L. B. **Dubliners sob a lupa da linguística de corpus: uma contribuição para a análise e a avaliação da tradução literária**. 2006. 327 f. Tese (Doutorado em Letras Modernas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

JOYCE, James. “Eveline”. In: **Dublinenses**. Tradução de José Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2012[1914]a.

LIU, Yujun. The Significance of Structure in Analyzing Short Stories. **Asian Social Science**, Qingdao, v. 5, n. 8, p. 141-143, 2009.

MANGUEIRA, José Vilian. Epifania e paralisia: o passeio feminino em ‘A Fuga’, de Clarice Lispector. **Revista DLCV**, v. 14, p. 110-125, 2018.

MARCELLO, Carolina. **O que foi o modernismo?**. 2017. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/modernismo/>> Acesso em: 06 mar. 2020.

McDONNELL, Vincent. **Ireland – Our Island Story**. The Collins Press. 2011.

MOURA, Flávio. **James Joyce mostra em espelho o lixo da Irlanda**. 2003. Disponível em: <<https://biblioteca.folha.com.br/1/noticias/2003110101.html>> Acesso em: 07 mar. 2020.

NASCIMENTO, E. T. **A ascensão da epifania em contos modernos e contemporâneos**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

O’CONNOR, Frank. **The lonely voice: a study of the short story**. World Publishing Company, 1965.

OLIVEIRA, L. D. A.. A Publicação e Recepção de *Dubliners* e *Finnegans Wake* de James Joyce. In: Juliana de Abreu; Rodrigo D’Avila Braga Silva; Paulo Roberto Kloepfel; Morgana Aparecida de Matos. (Org.). **Percalços nos caminhos da tradução: entrelaçando ideias**. 1ed. Florianópolis: UFSC/CCE/DLLE, 2017, v. 1, p. 131-137.

PEREIRA, M. L. A.. A filosofia da composição: uma moldura do conto moderno. In: **IX Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa**, 2014, Campo Grande. Revista Philologus. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2014. v. 60. p. 144-154.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. **Caderno Mais**, Folha de São Paulo, 30 de dezembro de 2001.

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1993[1846]. 3ª ed. revista.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. O mundo dos mortos em vida nos contos “Clay” de James Joyce e “Life of Ma Parker” de Katherine Mansfiel. **Revista Uniabeu**, Belford Roxo, n. 7, p. 98-107, 2011.

SANTOS, Anne de Moraes; CHOLBI, Rayane. A busca pela emancipação feminina em 'Eveline', de James Joyce. **Revista Philologus**, v. 23, p. 8-27, 2017.

SILVA, T. S.. Análise comparativa do conto Eveline de James Joyce e sua tradução para a língua portuguesa. In: **Educação com qualidade-Processos educativos e produção de conhecimento colaborativo**, Florianópolis: UFSC, 2015.

SIQUEIRA, S. Identidades Fragmentadas – **Representações de Violência e Desejo em *Dublinenses***. 2015. 91 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

Título em inglês:

**EPIPHANY AND PARALYSIS IN “EVELINE” AND “CLAY” BY
JAMES JOYCE**